



NOVA | escola
formações

GUIA

Práticas antirracistas na sala de aula



Sumário

| Apresentação

Novos olhares e práticas 4

| Capítulo 1 - Duas décadas de leis e desafios

A obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana... 7

| Capítulo 2 - A importância do letramento racial

Educação para combater o racismo..... 11

| Capítulo 3 - Conhecer para mudar!

Glossário de termos necessários..... 16

| Capítulo 4 - Práticas antirracistas na comunidade escolar

Sugestões para a equipe gestora..... 20

| Capítulo 5 - O que é ser um professor antirracista?

Nova postura e práticas na escola..... 23

| Capítulo 6 - Plano de formação

Olhar para a educação antirracista..... 30

| Capítulo 7 - Sete estratégias antirracistas

Propostas para o ciclo de alfabetização.....**34**

| Capítulo 8 - Sugestões de atividades

Ideias para os anos iniciais.....**37**

| Capítulo 9 - Rubrica para plano de aula

Reflexão e análise sobre a prática**40**

| Capítulo 10 - Materiais didáticos antirracistas

Uma lista de orientações.....**42**

| Capítulo 11 - Rubrica de avaliação

Critérios para seleção de materiais didáticos.....**45**

| Capítulo 12 - Indicações de pesquisa

Para ler, ouvir e se informar.....**49**

Para saber mais.....**54**

Créditos.....**55**



| Apresentação

Novos olhares e práticas

Para que as próximas gerações de brasileiros estejam menos sujeitas ao racismo, é nas salas de aula de hoje que se promove a mudança. Além de reinterpretar a nossa história sob o ângulo das culturas afro-brasileiras e indígenas, a educação escolar nos abre a possibilidade de transformação. Sabemos que as crianças vivenciam e sentem os impactos do preconceito e, portanto, quanto mais cedo os educadores conseguirem garantir um ambiente que valorize a diversidade étnico-racial, respeite condições sociais e as culturas negras e dos povos originários, maiores serão as chances de reverter a situação atual.

Vivemos em uma sociedade que está aprendendo a reconhecer o racismo estrutural, o mito da democracia racial e o pacto da branquitude (leia o glossário na pág. 17). Se você, professor, gestor ou profissional da educação, sente que precisa compreender melhor esse vocabulário específico e aprender mais sobre questões acerca do letramento racial, este guia pode ser um excelente ponto de partida.

Ele foi elaborado por colaboradores e consultores da Associação Bem Comum que estiveram diretamente envolvidos no curso Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER) promovido pela NOVA ESCOLA e realizado ao longo dos últimos meses de 2023. Observando o engajamento e os principais desafios dos participantes, os especialistas reuniram materiais teóricos e indicações práticas para apoiar reflexões e atividades que fomentem uma Educação Antirracista, valorizando as culturas negras.

O objetivo do guia é proporcionar um aprofundamento em atitudes e práticas antirracistas. Por isso, se inicia com o conceito de letramento racial. Assim como aprender a ler e a escrever amplia as possibilidades do ser humano, o letramento racial altera a nossa forma de ver o mundo – deixando de lado a perspectiva eurocêntrica e orientada aos privilégios das pessoas brancas, ao mesmo tempo que reconhece que o racismo precisa ser desconstruído e combatido.

Como você vai perceber nas próximas páginas, professores e gestores preocupados com as relações étnico-raciais na escola reconhecem que investir em práticas antirracistas não apenas contribui para um ambiente escolar mais

inclusivo e acolhedor, mas também para a formação de indivíduos. Quem aprende desde cedo a valorizar a diversidade étnica e cultural desenvolve uma visão mais inclusiva e respeitosa do mundo ao seu redor.

Esperamos que os materiais disponibilizados neste guia possam ser apoio para sua atuação na escola, junto à comunidade escolar, para o fortalecimento de práticas pedagógicas em uma perspectiva antirracista. Venha com a gente e se aprofunde nesse tema para construir uma sociedade mais justa, equitativa, igualitária e livre de discriminação!





| Capítulo 1

Duas décadas da lei e seus desafios

A obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

Se analisarmos o nosso “descobrimento” com olhar crítico, entendemos que o Brasil foi primeiro invadido, o que resultou na morte de 3 milhões de indígenas; e depois colonizado, o que incluiu trazer 5,5 milhões de negros à força para o país, dos quais pelo menos 660 mil morreram antes de pisar nessas terras¹. Contamos muito mais tempo sob os horrores da escravização, que perdurou por 388 anos, do que o período desde abolição (135 anos completados em 2023). Nesse emaranhado de números, o que permanece incalculável são os prejuízos sofridos pelas populações negras e indígenas.

Há apenas duas décadas, o estudo e aprofundamento da História e das culturas negras estão institucionalizados pela Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas de ensino Fundamental e Médio. A lei é essencial para o enfrentamento e superação do racismo estrutural, da desigualdade étnico-racial, da criação de estereótipos e preconceitos discriminatórios, e, ao mesmo tempo, para resgatar a autoestima e corrigir as injustiças promovidas pelo apagamento racial das contribuições desse grupo na História, Cultura, Ciência, Matemática, Filosofia, Medicina, Química e tantas outras áreas de conhecimento.

Segundo Gina Vieira², a Lei 10.639/2003 e a Lei 11.645 (aprovada em 2008, que tornou obrigatório também o ensino sobre culturas e histórias dos povos indígenas) propõem uma mudança profunda no paradigma educacional brasileiro. A educadora percebeu que implementar essas leis significa mudar

1 Fonte: <https://abemcomum.org/author/obostudio-abemcomum/>

2 Fonte: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/sua-pratica/sala-de-professoras/390/educacao-para-as-relacoes-etnico-raciais-erer-o-que-nos-dizem-os-20-anos-da-lei-10639>

profundamente muitas das nossas crenças, saberes, visões de mundo e percepção da cultura, e mudar, inclusive, muito do que estava anunciado nos currículos e materiais didáticos dos diversos cantos do Brasil. Por estarmos inseridos em um projeto de poder que começa no período colonial e segue até os dias de hoje, a educação também espelha os valores do grupo étnico que privilegia: o dos brancos.

As dificuldades de implementação das duas leis sinalizam o quanto é urgente proporcionar formação sobre as temáticas antirracistas e a necessidade de considerar a questão no cotidiano das escolas, o que passa por estratégias pedagógicas que influenciam as relações entre todos os atores da comunidade escolar. Embora o Ministério da Educação (MEC) tenha publicado [Diretrizes Curriculares para a EREER](#) em 2004, ainda há muito a fazer.

O estudo [Educação antirracista: pesquisa sobre a implementação da Lei 10.639/2003 nos municípios brasileiros](#) realizado pelo Geledés, Instituto da Mulher Negra e pelo Instituto Alana, apontou que, entre 1.187 secretarias municipais de educação consultadas (21% do total das redes), 71% afirmaram que realizam pouca ou nenhuma ação para garantir o cumprimento da lei. Perceba que ações consistentes voltadas à aplicação da lei são feitas por apenas 29% dos já reduzidos 21%! Por isso, a causa antirracista necessita de cada vez mais educadores engajados nela.

“Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino.”

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (MEC)



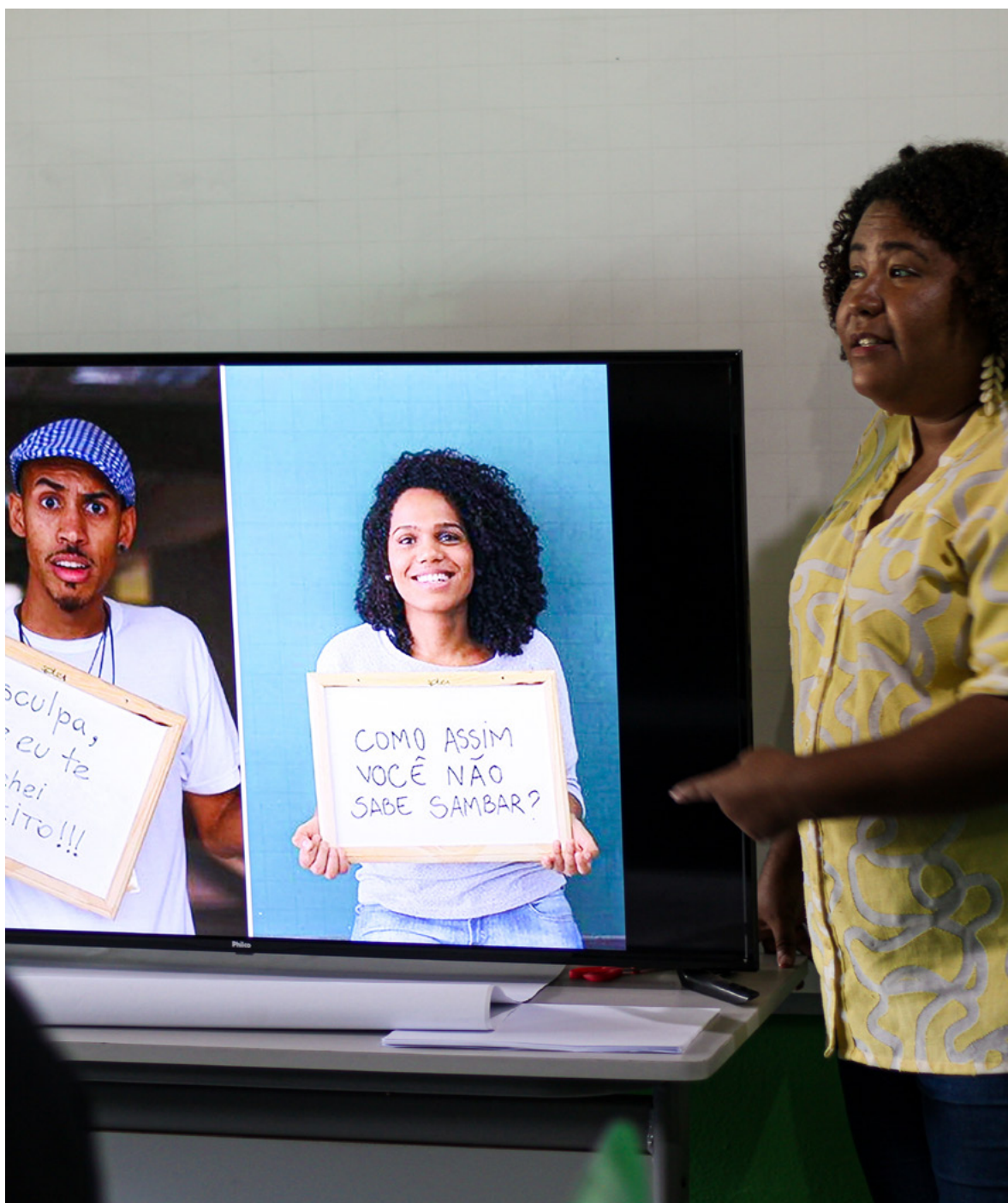
Fique por dentro

Sugerimos que você conheça e guarde os links para esses importantes marcos na legislação.

[Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003](#) . Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.

[Lei 11.645, de 10 de março de 2008](#) . Altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Indígena”. Brasília, DF, 2008.





| Capítulo 2

A importância do letramento racial

Educação para combater o racismo

Como uma força estrutural e institucionalizada, o racismo teceu-se nas fibras da sociedade, moldando nossas percepções, valores e comportamentos de maneiras muitas vezes imperceptíveis. Em seu livro *O que é racismo estrutural?*, considerado um dos mais importantes no campo de estudos sobre raça e racismo, o filósofo, professor universitário e atual Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, Silvio Luiz de Almeida aponta que os processos institucionais e nossos comportamentos individuais são oriundos de uma sociedade em que o racismo é a regra e não a exceção, daí o termo **racismo estrutural**, que advém das relações sociais e também políticas e econômicas. Assim, para promover uma educação verdadeiramente antirracista, é imperativo desafiar esses comportamentos arraigados e questionar os fundamentos sobre os quais eles foram construídos.

Desde a colonização, predomina na sociedade brasileira uma visão negativa e preconceituosa em relação às pessoas negras, enquanto as brancas seguem gerando identificação positiva. Como todos sabem, a escola é um espaço de educação formal que reproduz esses preconceitos, mas também pode ser uma via de transformação. Diante disso, a professora Eliane Cavalleiro nos provoca com uma reflexão: “Ou nós, educadores, realizamos esse trabalho ou atuamos a favor da disseminação dos preconceitos. Não há como nos mantermos neutros. É preciso optar, pois lutar contra isso não é tarefa exclusiva da população negra”.

Desmantelar a estrutura do racismo requer mais do que meras intenções, exige compromisso firme com a promoção da equidade racial e a desconstrução dos privilégios brancos, que se perpetuaram ao longo da história. As contribuições das pessoas negras foram invisibilizadas em detrimento de um modo de funcionamento das instituições públicas e privadas e da sociedade civil. A hegemonia, majoritariamente branca e masculina, e a hierarquia das relações de dominação atravessaram gerações, sem que quase nada mudasse. Para a

autora Cida Bento, psicóloga e ativista que atua na redução das desigualdades raciais e de gênero, esse fenômeno tem um nome: **branquitude**. Segundo ela, sua perpetuação se deve "a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter os seus privilégios", (trecho de *O pacto da branquitude*). Por isso, é tão essencial que os professores reconheçam e utilizem sua posição privilegiada dentro do sistema educacional para fomentar o diálogo aberto e honesto sobre as questões raciais.

Reconhecer o racismo estrutural passa também por perceber e compreender o **mito da democracia racial**, que se fortaleceu ao longo dos anos. Ele construiu uma falsa ideia de igualdade entre as raças no Brasil por causa da miscigenação racial. Mas esse processo aconteceu visando uma eugenia branca, a fim de que em alguns anos não existissem mais pessoas negras no nosso país. "A democracia racial é um mito. Não há plena igualdade entre pessoas negras e não negras no Brasil", declara a educadora Bárbara Carine em seu livro *Como ser um educador antirracista*.

Implementar o letramento racial de forma eficaz na prática educacional requer uma abordagem holística e multifacetada. Isso implica não apenas a integração de conteúdos curriculares que abordem a história e culturas afro-brasileiras e indígenas, como estipulado pelas leis, mas também uma transformação fundamental na rotina da sala de aula. Os espaços educacionais devem se tornar ambientes inclusivos e acolhedores, onde todas as vozes são valorizadas e todas as experiências são reconhecidas.

Para a filósofa e ativista Djamila Ribeiro, "pensar em lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia." Assim, **lugar de fala** é um conceito que reconhece que as experiências de vida de uma pessoa são influenciadas pela posição que ela ocupa na sociedade ou História.

No contexto do letramento racial, é essencial reconhecer e valorizar o lugar de fala das crianças e jovens negros e indígenas nas escolas, além de garantir seu direito de fala, por vezes subtraído em decorrência do pacto da branquitude.

Esse pacto reserva privilégios a um grupo social, fortalecendo a cultura do racismo estrutural que desumaniza as relações e trata de forma hierárquica, injusta e cruel estudantes e educadores de acordo com sua cor, promovendo a apagamento social de negros e indígenas.

É urgente viabilizar um ambiente seguro em que educadores e estudantes negros e indígenas sejam ouvidos, respeitados e valorizados, ou seja, é preciso criar espaços para que eles possam expressar suas concepções, ideias, vivências e posicionamentos a partir do seu lugar de fala, sem temer julgamentos, intolerâncias ou precisarem ser representados por terceiros. De que forma as redes de ensino têm planejado, encorajado e oportunizado que estudantes negros e indígenas sintam-se seguros para ocupar seu lugar de fala? Vale dar foco a essa preocupação e agir com intencionalidade pedagógica para ampliar esses espaços.

O reconhecimento e a valorização das histórias e das culturas negras e indígenas na sociedade, assim como apontado nas leis, são caminhos para reconstruir as relações étnico-raciais. A escola, como sabemos, é estratégica para a disseminação das contribuições histórico-culturais desde a origem da humanidade, na África, até os dias atuais, evidenciando, inclusive, a luta desses grupos raciais por direitos, justiça, igualdade e respeito a suas tradições. Por isso, também é urgente refletir: como as redes de ensino estão promovendo a inclusão desses conhecimentos no currículo e na prática docente e a realização de atividades que evidenciem as contribuições de negros e indígenas na evolução da sociedade?

Além disso, os educadores devem se engajar em um processo contínuo de aprendizado e autodescoberta, confrontando seus próprios preconceitos e privilégios para compreender melhor as necessidades de seus alunos. Isso requer disposição para sair da zona de conforto, reconhecendo e enfrentando as injustiças sistêmicas que permeiam as relações na nossa sociedade. Para esse fim, é importante perguntar como os sistemas de ensino estão colaborando para letramento racial dos professores, gestores e servidores escolares?

Vale reconhecer que o letramento racial não é apenas uma questão educacional; é uma questão de justiça social e direitos humanos. É uma chamada para a ação, uma convocação para a transformação. E cabe a todos nós, como cidadãos e membros da sociedade, abraçar esse desafio e trabalhar juntos para construir um Brasil mais justo, igualitário e inclusivo para todos os seus habitantes.

Eu sou porque nós somos

Filosofia Ubuntu





| Capítulo 3

Conhecer para mudar!

Glossário de termos necessários

Abordagens pedagógicas antirracistas

- **Pedagogia Interétnica** – defende o trabalho pedagógico que contemple e integre as diferenças culturais, as diferentes visões do mundo e de experiências vividas.
- **Pedagogia Multirracial** – a escola como espaço de superação das desigualdades raciais em todo os aspectos pedagógicos (conteúdos, metodologias e avaliação).
- **Pedagogia Multirracial e Popular** – propõe a construção de uma escola pública que privilegia a história e as culturas das populações que constituem a sociedade brasileira.
- **Pretagogia** – privilegia valores africanos, como: a ancestralidade, a tradição oral, o corpo enquanto fonte espiritual e produtor de saberes, a valorização da natureza, a religiosidade, a noção de território e o princípio da circularidade.

(NOVA ESCOLA, 2024)

Ações afirmativas

Segundo o MEC, elas são um conjunto de medidas especiais voltadas a grupos discriminados e vitimados pela exclusão social ocorrida no passado ou no presente. As ações afirmativas têm o objetivo de eliminar desigualdades e segregações na sociedade. Exemplos de ações afirmativas são as políticas de cotas nas universidades.

Branquitude/pacto da branquitude

Conforme explica Cida Bento, as instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regularmente, e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistema de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino

e branco. Essa transmissão atravessa gerações e altera pouco a hierarquia das relações de dominação ali incrustadas. Esse fenômeno tem um nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios.

Lugar de fala

De acordo com Djamila Ribeiro, o conceito do lugar de fala permite a participação de grupos da sociedade marginalizados historicamente e favorece a escuta destes nas decisões e rumos da sociedade. As produções intelectuais e saberes desses grupos minoritários são sistematicamente tratados de modo inferior e/ou apagadas, sendo assim, o objetivo do lugar de fala é dar visibilidade a esses grupos desprezados por muito tempo.

Mito da democracia racial

Para Bárbara Carine, a democracia racial é o estado de plena igualdade entre as pessoas na sociedade, qualquer que seja sua raça ou etnia. Tanto raça como etnia são constructos sociais, ou seja, conceitos socialmente desenvolvidos em determinados contextos históricos. No Brasil, na perpetuação do conceito social e raça (articulação biológica e genética), as pessoas vivem e morrem pela sua estampa, pela sua estética, pelo seu fenótipo. A democracia racial é um mito. Não há plena igualdade entre pessoas negras e não negras no Brasil.

Prática pedagógica antirracista

Prática que valoriza a história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira na construção histórica e cultural brasileira, mostra nossa sociedade como formada

por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, relacionando-os à experiência dos estudantes. Ações que consideram o fortalecimento das identidades e autoestima de estudantes negros e/ou indígenas em todas as etapas, rompendo com imagens negativas amplamente divulgadas pelos meios de comunicação e valorizando as contribuições de pessoas negras em diferentes âmbitos da história. Para tanto, utilizam materiais e referências que apresentam diversidade étnico-racial (NOVA ESCOLA, 2024).

Professor antirracista

Compreende o racismo como questão estrutural que permeia as relações na nossa sociedade, valoriza e acolhe a diversidade da turma, trabalha o tempo todo na perspectiva antirracista, cuidando das relações, das suas posturas, da sua prática e combatendo sempre falas racistas e preconceituosas de forma a zelar pela mediação de conflitos e pelo cuidado com todos e todas. Planeja as aulas intencionalmente, trazendo em todos os componentes curriculares a valorização da cultura africana e afro-brasileira, sempre pensando em materiais diversos e ações que mostram exemplos dessas culturas (NOVA ESCOLA, 2024).

Racismo estrutural

Segundo Silvio Almeida, o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.



| Capítulo 4

Práticas antirracistas na comunidade escolar

Sugestões para a equipe gestora

Ao adotar uma abordagem antirracista, as escolas ajudam a combater preconceitos e discriminação, a promover diversidade e igualdade e a oferecer um ambiente seguro, inclusivo e de aprendizagem mais enriquecedor para todos os estudantes, independentemente de sua origem étnica. Além disso, as práticas antirracistas nas escolas podem ajudar a dismantelar estereótipos prejudiciais, promover o respeito mútuo e a valorização da diversidade, e empoderar os estudantes para que se tornem agentes de mudança em suas comunidades.

Quando os gestores escolares abordam questões étnico-raciais de forma proativa, investem na criação de um ambiente onde todos se sintam representados, respeitados e apoiados em seu processo de aprendizado. O compromisso com práticas antirracistas na comunidade escolar não apenas enriquece o ambiente de aprendizado, mas também prepara os estudantes para serem cidadãos conscientes, empáticos, comprometidos e engajados com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A implementação de atividades educacionais, discussões abertas e medidas de avaliação é essencial para garantir que o combate ao racismo seja eficaz e impactante. Vale notar que a avaliação contínua do trabalho realizado permite que as escolas identifiquem áreas de melhoria e fortaleçam suas iniciativas antirracistas.

Reunimos a seguir sugestões de atividades que podem ser realizadas na comunidade escolar para promover essas práticas:

- Incluir a educação para as relações étnico-raciais nos debates de construção ou reformulação do Projeto Político Pedagógico e nos espaços de discussão do Conselho Escolar.
- Oficinas, palestras, círculos de cultura e fóruns de discussão para os estudantes, pais e equipe escolar sobre o impacto do racismo no desenvolvimento de estudantes negros, indígenas ou pertencentes a grupos étnico-raciais discriminados na sociedade.

- Inclusão no currículo escolar de história e cultura de diferentes grupos étnicos e raciais, propiciando aos estudantes compreensão a respeito da diversidade e a valorização das contribuições de diferentes culturas.
- Promoção de fóruns para debater questões como: O que é racismo? Qual a origem do racismo/preconceito/privilegio?
- Inclusão de políticas de tolerância zero para discriminação racial e *bullying* na escola.
- Desenvolvimento de projetos que valorizam as culturas negras, indígenas, quilombolas, ciganas, além de outras que constituem a comunidade escolar.
- Contratação de professores de diferentes origens étnicas e raciais.
- Análise crítica de textos de literatura infantil, cantigas de roda, brincadeiras e filmes que apresentam, explícita ou implicitamente, mensagens racistas.
- Reflexão contínua a respeito de práticas escolares, garantindo que estejam alinhadas com os princípios antirracistas, com a justiça social e com a promoção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.
- Formação para professores e funcionários sobre práticas antirracistas, incluindo estratégias para lidar com discriminação racial.
- Campanhas escolares que destaquem a importância da diversidade e celebrem a cultura de diferentes grupos étnicos.
- Criação de materiais educativos, como cartazes e vídeos, que transmitam mensagens antirracistas e imagens afirmativas de pessoas negras e indígenas.
- Oferta de eventos culturais que celebrem a diversidade da comunidade escolar e/ou entorno comunitário.
- Organização de eventos e atividades que promovam o diálogo intercultural e o respeito mútuo entre diferentes grupos étnicos na comunidade.



| Capítulo 5

O que é ser um professor antirracista?

Nova postura e práticas na escola

Quais atitudes são identificadas em um professor antirracista? Quais saberes podem favorecer a prática desse professor? Essas são algumas das perguntas que surgem quando nos deparamos com a temática do racismo no espaço escolar e, mais especificamente, quando tentamos combatê-lo, repensando o papel dos educadores.

A mudança de postura nos confronta com o desafio de projetarmos um novo olhar sobre a educação. Ela pede uma perspectiva mais ampla de diversidade, que inclui reconhecer que a escola, ao longo de toda a sua existência, tem reproduzido uma lógica eurocentrada, excludente e repleta de equívocos diante das múltiplas formas humanas de ser e de existir.

A formação de professores sobre a EREER enfrenta o desafio de reunir argumentos que apresentam o racismo estrutural como o fato que rege o funcionamento da sociedade em diversos segmentos, principalmente nas relações interpessoais. O ambiente escolar é pautado na convivência cotidiana entre educadores e estudantes, educadores e educadores, estudantes e estudantes; ou seja, de forma discreta ou até mesmo evidente, ele reproduz a violência que pessoas pretas e pardas têm sofrido ao longo de séculos. No entanto, quem deseja se tornar um professor ou uma professora antirracista deve reconhecer a escola e a educação com potencial para romper esse ciclo histórico.

Por onde começar?

Essa é outra questão recorrente e, diante dela, descobrimos que os caminhos são plurais, mas todos eles se pautam pelo conhecimento. (Re)conhecer o racismo como uma estrutura em nossa sociedade gera o rompimento com atitudes, discursos, e até com abordagens curriculares reprodutoras de preconceito. A educadora Barbara Carine, em seu livro *Como ser um educador antirracista*, afirma que “a educação é o ato de socializar com as novas gerações os

conhecimentos historicamente produzidos”. Dessa forma, compreendemos que o ofício do professor é, por excelência, um espaço para essa luta, partindo do princípio que o racismo não é um conteúdo de ensino, mas uma perspectiva.

Para iniciar essa jornada, é preciso que essa percepção gere atitudes e discursos presentes no cotidiano da escola, portanto, abordar o assunto torna-se fundamental.

Qualquer que seja o caminho escolhido para se tornar um professor antirracista, sabemos que o destino é o mesmo, a quebra dessa estrutura, que demanda vontade, estudo e dedicação. Desse modo, elencamos no glossário deste guia (veja na página 17), alguns conceitos que podem contribuir para ampliar seus conhecimentos sobre o tema. Recomendamos o estudo dos termos para, então, seguir em frente no entendimento desse novo perfil de educador.

O que significa ser um professor antirracista?

A princípio, pode parecer um conceito de pouca complexidade, basta ser uma pessoa contra o racismo. Mas o que muitos de nós não sabemos é que ser de fato um professor antirracista inclui, entre outras, as seguintes práticas pedagógicas:

- Planejar intencionalmente suas aulas com propostas que valorizam a contribuição ou a presença de pessoas negras e indígenas.
- Eleger atividades propositivas para a imagem de pessoas de pele não-branca.
- Escolher identificar homens e mulheres importantes para a história, as ciências e as artes como pessoas negras ou indígenas.
- Compreender a necessidade de olhar individualmente para estudantes que historicamente são discriminados por seus traços étnicos.
- Cumprir a lei e estar atento à obrigatoriedade do ensino nas escolas da história e das culturas afro-brasileiras, e mais recentemente as histórias e culturas dos povos originários.

- Propiciar, por meio de atitudes práticas, a permanência e a participação efetiva dos estudantes na escola.
- Observar suas falas direcionadas aos estudantes, exercitando a escuta e a atenção para as questões étnicas, de modo que os estudantes recebam estímulos para reconhecer a sua identidade racial de modo positivo.
- Garantir que crianças e adolescentes negros e indígenas recebam falas diretas que abordem positivamente sua inteligência, seu desenvolvimento e suas atitudes.
- Mostrar zelo e atenção na escolha do material didático utilizado em sala, para que todos os materiais contemplem a diversidade racial da sociedade³.

Embora todos esses aspectos sejam identificados como práticas pedagógicas antirracistas, é de extrema importância iniciarmos essa jornada com um **olhar para dentro de nós mesmos**. Vale a pena revirar nossas gavetas mentais e a memória para reconhecer falas, atitudes, ou até mesmo omissões ou situações de nossas vidas em que propagamos racismo, ou fomos coniventes com ele de alguma forma.

Um professor antirracista é uma pessoa antirracista, portanto, precisa também analisar a si, o meio em que vive e as pessoas com as quais convive. Como cidadão consciente da situação de desigualdade, em todas as instâncias de sua vida, busca participar ativamente na promoção de práticas propositivas. “Crenças racistas fazem com que mulheres e homens negros não recebam carinho, ou porque a sociedade acha que não precisam ou porque verticalizam o carinho para baixo na cabeça e não conseguem acariciar um cabelo black, dreadrado, de trança”, diz a educadora Bárbara Carine. Reconhecer essas crenças e o seu lugar de educador, usar a própria voz e perceber privilégios: estas e muitas outras são atitudes e práticas que podem ser adotadas e que contribuem para a redução da desigualdade.

3 Os 4 últimos itens tem por base o livro de Eliane Cavalleiro, 2001.

Discutir sobre as relações étnico-raciais na nossa sociedade dentro das escolas é necessário porque "[...] a ausência desse tema no planejamento escolar impede a promoção de boas relações étnicas. O silêncio que envolve essa temática nas diversas instituições sociais favorece que se entenda a diferença como desigualdade e os negros como sinônimo de desigual e inferior", ressalta a autora Eliane Cavalleiro.

Os marcos legais que definem a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e do ensino da História e Cultura Indígena, (respectivamente, as leis 10.639/2003 e 11.645/2008) precisam ser colocados em prática, por isso a necessidade de desenvolver ações que favoreçam a equidade, a igualdade e o respeito às diferenças. A jornada dos professores pode se iniciar com leituras e reflexões sobre as relações étnico-raciais na escola.

Visões acerca do negro e do branco são historicamente construídas e enraizadas no nosso processo de socialização, conforme explica Eliane Cavalleiro. Ela diz que a construção da nossa identidade é "um dos resultados mais importantes do processo de construção social do sujeito". Sendo assim, a escola tem um papel fundamental na EREER como parte imprescindível na construção social do sujeito e é responsabilidade de quem educa proporcionar às crianças experiências que mostrem referências positivas de todos os grupos humanos para que aprendam a importância da diversidade.

Ao se referir à construção da identidade negra, a pedagoga e ativista Nilma Lino Gomes afirma que é uma construção histórica, cultural, plural e se relaciona ao olhar que os indivíduos têm sobre o seu grupo étnico-racial e nas relações com outros grupos. Nesse sentido, a escola assume um papel preponderante sobre o currículo elaborado e praticado no seu cotidiano, na construção dessas identidades.

É preciso que o educador esteja atento à importância da representatividade nos espaços de vida coletiva para a construção subjetiva da auto-imagem positiva da pessoa, a importância de compreender a própria história de vida, quais são

as suas crenças, os seus preconceitos, o que o constitui enquanto pessoa e enquanto educador, romper com paradigmas da própria educação. Pois, como bem diz a educadora, ativista e escritora Bárbara Carine, "é importante viver a diversidade em todas as instâncias da vida, entendendo que é só convivendo com a pluralidade que efetivamente cresceremos com ela".

Já a especialista em educação étnico-racial, Vanda Machado, nos ensina a "buscar na diversidade aspectos para aprendizagem significativa". Ela nos provoca com indagações pertinentes, para que estejamos sempre atentos: até que ponto essa questão (étnico-racial) tem sido tratada com efetiva atenção, visando pelo menos dar partida a uma prática consecutiva? Por que a escola ainda se mantém rotineira, mantendo a epistemologia dominante quando a vida, a cultura e a tecnologia invadem todos os cantos por onde deveria passar o processo educativo? Por que ainda há resistência oferecida a todo valor, a todo conteúdo que não seja arrazoadamente branco?



Compreender que as desigualdades que moldam a nossa sociedade, como a pobreza, a fome e a violência, impactam de forma diferenciada a vida das pessoas e refletir criticamente sobre a própria prática pedagógica é primordial para que haja realmente uma mudança de postura nas escolas. Vale a pena seguir a constatação de Nilma Gomes para apostar na educação para as relações étnico-raciais: “se o racismo é aprendido e construído em sociedade, o antirracismo também”.

Perguntas que balizam atitudes e práticas na escola

- ☒ Temos contribuído para a construção de práticas pedagógicas democráticas que incluam todos(as) os(as) estudantes e que proporcionem iguais oportunidades de participação e de representação?
- ☒ Estamos contribuindo para vivências de experiências que expressem a riqueza da diversidade presente nas escolas e para o respeito às diferenças?
- ☒ Crianças negras e suas famílias têm a oportunidade de experienciar práticas em que se vejam representadas e valorizadas nas suas características e na sua ancestralidade?
- ☒ Estamos combatendo o racismo no cotidiano das instituições educacionais?



| Capítulo 6

Plano de formação

Olhar para a educação antirracista

Compartilhamos a seguir o plano de formação para formadores dos estados e municípios atendidos pela Associação Bem Comum, que tem como objetivo promover o letramento racial e contribuir para a igualdade racial. Você verá que a proposta elenca os passos de um momento formativo. Ele pode ser adaptado conforme a quantidade de horas e o número de encontros planejado por cada rede de ensino.

Plano de formação

Despertando o olhar para a educação antirracista

TEMA: Racismo

OBJETIVO: Contribuir para a ampliação do olhar do professor em relação à educação antirracista

ATIVIDADES PREVISTAS	MATERIAIS SUGERIDOS
1º PASSO / TEMÁTICA Reconhecer que o racismo é um problema social	
Sensibilização com vídeo	Vídeos: Racismo não se combate com silêncio  Campanha "Racismo não se discute, se combate!"  , do Ministério Público do Estado da Bahia
Apresentação de dados sobre o racismo	Reportagens: 81% veem racismo no Brasil, mas só 34% admitem preconceito contra negros  Brasil tem alta de mais de 50% nos registros de racismo e homofobia em 2022  Economista apresenta números que confirmam o racismo estrutural no Brasil 

ATIVIDADES PREVISTAS	MATERIAIS SUGERIDOS
Análise de linha do tempo com notícias sobre o tema e o avanço da sociedade em reconhecer o racismo como estrutural	Vídeo O que é racismo estrutural? , Silvio Luiz Almeida, Letramento. Sites para busca de notícias sobre racismo: CNN  G1 
Atividade mão na massa: ler a reportagem e solicitar que os participantes elenquem quais outras práticas podem ser realizadas em sala de aula para promover a luta contra o racismo	Reportagem: Valorizar patrimônio cultural do povo negro também é lutar contra racismo 
2º PASSO / TEMÁTICA Letramento racial	
Leitura individual ou em grupo e reflexão de um texto na perspectiva da educação antirracista	Textos: Formação de professores e o mito da democracia racial: barreiras a serem vencidas  Educação antirracista e a prática docente: um olhar a partir da escrivência e para as práticas 
Produção de lista com referenciais para aprofundamento do tema	Livros e artigos: Pequeno manual antirracista, Djamila Ribeiro, Companhia das Letras. Educação Antirracista: destaques de debate do Movimento pela Base  Ensino antirracista na educação básica. Da formação de professores às práticas escolares , Thiago Henrique Mota (org.) História Preta das Coisas, Bárbara Carine, Editora Livraria da Física. Construindo uma Educação Antirracista: reflexões, afetos e experiências , Neli Edite dos Santos (org.)

ATIVIDADES PREVISTAS

MATERIAIS SUGERIDOS

3º PASSO / TEMÁTICA

Educação antirracista no chão da sala de aula

Evidenciar a diversidade existente no ambiente escolar: Construir um painel de fotos dos estudantes e fazer a leitura do painel, observando as semelhanças e diferenças entre eles

Recontando a nossa história:

Promover roda de conversa sobre a história dos negros no Brasil: ontem, hoje e como será o amanhã?; ler histórias com personagens negros e fazer reflexão sobre pinturas que retratam os negros; conhecer a história de personalidades negras na pintura, literatura, música, ciências etc

Livros infantis sobre a temática:

Meu cabelo crespo de rainha, bell hooks, Editora Boitempo

O pequeno príncipe preto, Rodrigo França, Editora Nova Fronteira

O menino marrom, Ziraldo, Editora Melhoramentos

Menina bonita do laço de fita, Ana Maria Machado, Editora Atica

O gato xadrez, Isa Mara Lando, Editora Brinque-book

Estudos de caso:

Refletir sobre práticas que potencializam o letramento racial

[Projeto Afroativos](#) : solte o cabelo, prenda o preconceito.

[O trabalho da supervisão escolar em projetos educacionais inovadores: estudo de caso de um projeto antirracista](#) 



| Capítulo 7

Sete estratégias antirracistas

Propostas para o ciclo de alfabetização

Investir em práticas antirracistas na alfabetização não apenas contribui para um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor, mas também para a formação de indivíduos comprometidos com a promoção da igualdade e da diversidade em todas as esferas da vida, pois desde cedo as crianças abraçam esses valores de forma natural.

Quem aprende desde cedo valoriza a diversidade étnica e cultural, além de desenvolver uma visão mais inclusiva e respeitosa do mundo ao seu redor. Ademais, introduzir conceitos antirracistas nesta etapa da escolaridade ajuda a prevenir a internalização de estereótipos e preconceitos raciais na infância e na vida adulta.

As práticas antirracistas incentivam o desenvolvimento de habilidades sociais importantes, como empatia, cooperação, comunicação e resolução pacífica de conflitos, preparando as crianças para interagir de forma positiva com pessoas de diferentes origens e traços étnicos. Assim, elas são incentivadas a se tornarem cidadãs conscientes, engajadas na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e livre de discriminação.

É importante reconhecer e celebrar a diversidade para que todos tenham a oportunidade de fortalecer a autoestima e a própria identidade cultural, sentindo-se valorizados e respeitados em um ambiente acolhedor. Sugerimos, a seguir, algumas estratégias para promover essas práticas no ciclo de alfabetização:

- 1. Livros e histórias diversificadas:** Incentivar a leitura de livros e histórias que apresentem personagens de diferentes origens étnicas e culturais, promovendo a empatia e a compreensão da diversidade.
- 2. Organização do ambiente de sala de aula:** Elencar intencionalmente os elementos que constituem a sala de aula e demais ambientes escolares. É necessário dispor de livros, imagens e objetos que fortaleçam a identidade de todas as crianças da turma.

- 3. Brincadeiras inclusivas:** Promover brincadeiras e atividades que incentivem a cooperação, o respeito mútuo e a valorização das diferenças entre as crianças.
- 4. Brincadeiras de origens africana e indígena:** Disseminar o conhecimento das origens de brincadeiras que fazem parte do nosso repertório cultural.
- 5. Diálogo aberto:** Conversar com as crianças sobre questões de raça, preconceito e discriminação, respondendo às perguntas de forma honesta e acessível.
- 6. Modelagem de comportamento:** Manter uma postura antirracista, demonstrando respeito, inclusão e solidariedade em suas próprias atitudes e palavras, insistir em excluir palavras e expressões racistas do próprio discurso e evidenciar a diversidade existente em sala de aula.
- 7. Escuta Ativa:** Promover uma escuta ativa, contribuindo para um ambiente acolhedor, e dar espaço para que os alunos compartilhem suas próprias histórias e experiências, valorizando suas vozes e identidades.



| Capítulo 8

Sugestão de atividades

Ideias para os Anos Iniciais

PROPOSTAS DE ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS
EU SOU	Identidade. Consciência. Valorização. Afirmação. Sugestões: Quem eu sou; Como eu sou; Com quem eu me identifico etc.	Promover leituras de textos - poema, conto ou canção, que protagonizam o EU. Realizar rodas de conversa – em pares ou pequenos grupos, para apresentações pessoais.
CONTOS	Literatura afro-brasileira. Leitura de contos afro-brasileiros. Autores da literatura afro-brasileira. Rodas de recontos literários. Elementos da narrativa: heróis, heroínas e vilões dos contos etc.	Ler história da literatura afro-brasileira. Ouvir história. Conhecer os autores da literatura afro-brasileira; Recontar, oralmente; Explorar intencionalmente os elementos da narrativa, apontando aspectos propositivos.
BRINCADEIRAS	Tipos de brincadeiras africanas. O papel das brincadeiras na formação histórica, social e cultural brasileira.	Listar as brincadeiras africanas. Reconhecer o papel das brincadeiras na cultura e história do Brasil. Pesquisar brincadeiras entre os mais idosos da família ou comunidade. Vivenciar brincadeiras africanas e valorizar o seu papel na nossa formação cultural.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES	CONTEÚDOS	OBJETIVOS
MÚSICAS	A potência da musicalidade negra. A música como elemento cultural de formação da identidade africana. Os artistas negros. As músicas de compositores negros.	Valorizar o potencial da musicalidade negra. Reconhecer a musicalidade negra como resistência. Elencar os artistas negros brasileiros. Listar as músicas de compositores negros.
DANÇAS	A manifestação das danças afro-brasileiras. As festas tradicionais afro-brasileiras. A riqueza de ritmos e rituais das danças afro-brasileiras. Os diferentes propósitos das danças africanas.	Pesquisar e listar as danças africanas. Reconhecer o papel da dança afro-brasileiras na formação cultural brasileira. Reconhecer a representação cultural das danças afrodescendentes.
LENDAS	As lendas da cultura de tradição afro-brasileira. O que contam as lendas. A riqueza oral das narrativas lendárias.	Reconhecer o papel das lendas na cultura brasileira. Identificar as lendas afro-brasileiras. Nomear os personagens das lendas. Promover reconto de lendas afro-brasileiras.



| Capítulo 9

Rubrica para plano de aula

Reflexão e análise sobre a prática

A rubrica de avaliação a seguir permite analisar de uma perspectiva antirracista os planos de aula dos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental e foi pensada para atividades de Língua Portuguesa, o que não impede que ela seja adaptada para outros componentes curriculares, de acordo com sua necessidade.

CRITÉRIOS	Analise o PLANO DE AULA, considerando as seguintes perguntas:	ATINGIU	ATINGIU PARCIALMENTE	NÃO ATINGIU
1. Objetivos	Há objetivos que envolvem o letramento racial?	Há expectativas explícitas para o desenvolvimento do letramento racial.	Em parte, há expectativas para o desenvolvimento do letramento racial.	Não há expectativas explícitas para o desenvolvimento do letramento racial.
2. Metodologia	Há ações de práticas promotoras da igualdade racial?	São desenvolvidas ações explícitas para a consciência do letramento racial.	Em parte, são desenvolvidas ações para a consciência do letramento racial.	Não são desenvolvidas ações explícitas para a consciência do letramento racial.
3. Avaliação	Há critérios de avaliação dos alunos referentes aos objetivos pretendidos para desenvolvimento do letramento racial?	Os critérios de avaliação correspondem aos objetivos relacionados ao desenvolvimento do letramento racial.	Os critérios de avaliação correspondem parcialmente aos objetivos relacionados ao desenvolvimento do letramento racial.	Não há critérios de avaliação que correspondam aos objetivos relacionados ao desenvolvimento do letramento racial.
4. Recursos	Os ambientes e materiais utilizados promovem o fortalecimento da identidade positiva e potencializam a autoestima dos estudantes negros e/ou indígenas, rompendo com imagens negativas e valorizando as contribuições de pessoas negras e/ou indígenas?	Os recursos propostos valorizam as contribuições de pessoas negras e/ou indígenas, fortalecendo as suas identidades e autoestima, além de difundir esse conhecimento para todos os estudantes.	Os recursos propostos valorizam parcialmente as contribuições de pessoas negras e/ou indígenas, pois fortalecem suas identidades de forma pontual, mas não rompem com os estereótipos negativos.	Os recursos propostos não valorizam as contribuições de pessoas negras e/ou indígenas e reforçam imagens estereotipadas e com traços negativos.



| Capítulo 10

Materiais didáticos antirracistas

Uma lista de orientações

Sabemos que é necessário pensar no conjunto de ações cotidianas antirracistas como um pilar na educação formal e informal. Trabalhar nessa perspectiva leva a uma construção sistemática de intencionalidades pedagógicas equânimes e não discriminatórias. Para que isso se efetive na escola, é importante ter como aliados instrumentos mediadores que sejam compatíveis a esse propósito antirracista, ou seja, vale dar muita atenção à escolha dos materiais didáticos. Além deles, os professores podem se sentir motivados a cocriar atividades escolares referenciadas, humanistas, legitimadas e transformadoras, entre tantos outros atributos.

É urgente reconfigurar a pauta racial para um patamar sistêmico e orgânico nas instituições de ensino: ela merece um olhar empático, compromissado com as individualidades e com o aprimoramento ético da coletividade. Fazer uso de materiais adequados, além de uma necessidade, é um recurso valioso para as representatividades, para mediar exclusões, para potencializar narrativas afirmativas e evidenciar autoras e autores brasileiras.

Pensando em sua contribuição e proposição para a educação, a escolha de materiais didáticos na perspectiva antirracista abrange um rol de diretrizes. Seguem algumas delas:

- Observar se o material didático se pauta na Lei 11.645, de 10 março de 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.
- Divulgar, com veracidade histórica, fatos e personalidades negras da historicidade e cultura afro-brasileira.
- Ressaltar os valores culturais e civilizatórios das tradições africanas e indígenas.
- Analisar as inserções de imagens de pessoas negras em quantidade equivalente à de pessoas brancas.

- Analisar as inserções de imagens de pessoas negras em situações afirmativas e de destaques nos aspectos sociais civis, sociopolíticos, históricos, culturais, artísticos, acadêmicos e literários, no passado e no presente.
- Promover atividades de leitura literária sobre temáticas raciais, destacando a qualidade das ilustrações e a coerência com termos e imagens representados no livro.
- Apresentar propostas claras nas atividades, no intuito de favorecer a dialogicidade entre professores e estudantes sobre pautas raciais, direta ou indiretamente.
- Apresentar propostas de produções coletivas, em pares ou em grupos, promovendo a interação entre os estudantes, incentivando o respeito, a solidariedade, a ajuda mútua e a expressão dos sentimentos.
- Observar o uso de palavras, termos e expressões que não são adequados à pauta antirracista.
- Relacionar cultura e combate ao racismo de maneiras sutis nas propostas, não privilegiando uma raça em detrimento de outra.
- Criar estratégias didáticas que permitam a utilização das vivências e experiências docentes e dos estudantes na construção do conhecimento e no acolhimento das emoções.
- Evidenciar traços da cultura afro-brasileira e indígena pelo viés da alegria, das cores vibrantes, da musicalização, das tradições orais, das comidas, dos cantos, das vestimentas, afirmando heranças culturais como valorosas e identitárias do povo brasileiro.



| Capítulo 11

Rubrica de avaliação

Critérios para seleção de materiais didáticos

A proposta da rubrica apresentada a seguir é trazer critérios para avaliação e seleção de materiais didáticos-pedagógicos para o ciclo de alfabetização que possam contribuir para o fortalecimento das práticas pedagógicas para uma educação antirracista.

É importante ressaltar que os critérios elencados nela não se esgotam em si mesmos e nem substituem critérios que orientam a avaliação de quaisquer materiais didáticos-pedagógicos. Nosso objetivo é apenas apresentar uma referência para orientar a tarefa avaliar e selecionar materiais didáticos-pedagógicos para o ciclo de alfabetização.

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS			
Imagens, textos verbais e vocabulário	ATENDE TOTALMENTE	ATENDE PARCIALMENTE	NÃO ATENDE
1º Critério: Contém imagens que veiculam práticas afirmativas para as relações étnico-raciais e de gênero, sem reproduzir estereótipos que levem a discriminações de qualquer tipo, representando graficamente as pessoas negras e indígenas.			
2º Critério: Contém textos verbais que veiculam práticas afirmativas para as relações étnico-raciais e de gênero sem reproduzir estereótipos que levem a discriminações de qualquer tipo, incentivando a leitura de literatura			
3º Critério: Contém vocabulário que veicula práticas afirmativas para as relações étnico-raciais e de gênero sem reproduzir estereótipos que levem a discriminações de qualquer tipo a partir da ótica do letramento racial.			

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS

4º Critério:

Os textos verbais, as imagens e o vocabulário utilizado estão isentos de apologia a ideias preconceituosas e comportamentos excludentes, incentivando a apropriação do letramento racial.

Proposições de atividades para estudantes

ATENDE
TOTALMENTE

ATENDE
PARCIALMENTE

NÃO ATENDE

5º Critério:

Propõe atividades que incentivem o convívio social e a tolerância, abordando a diversidade humana com respeito e interesse a partir da ótica do letramento racial.

6º Critério:

Propõe atividades que contribuem para que a criança negra e indígena possa construir uma identidade social positiva.

7º Critério:

Propõe atividades nas quais a cultura negra e indígena é utilizada de forma adequada como suporte para o seu conhecimento e valorização.

8º Critério:

As atividades propostas apresentam nível de complexidade adequado para a faixa etária dos estudantes do ciclo de alfabetização a partir da ótica do letramento racial.

Orientações para o desenvolvimento das atividades pelo professor

ATENDE
TOTALMENTE

ATENDE
PARCIALMENTE

NÃO ATENDE

9º Critério:

Propõe orientações no livro do professor que incentivem atividades e práticas para as relações étnico-raciais e de gênero sem reproduzir estereótipos que levem a discriminações de qualquer tipo.

RUBRICA DE AVALIAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS

10º Critério:

Propõe orientações que subsidiem o professor a desenvolver as atividades a partir da ótica do letramento racial.

11º Critério:

Propõe orientações que incentivem o professor a ampliar seu conhecimento sobre a cultura negra e indígena.

12º Critério:

Propõe orientações que fortalecem a prática pedagógica de uma educação antirracista.

13º Critério:

Propõe orientações de uso do material que possibilite o diálogo com os dados de desigualdade racial do território onde será utilizado.



| Capítulo 12

Indicações de pesquisa

Para ler, ouvir e se informar

Para apoiar o desenvolvimento do trabalho didático-pedagógico do professor, reunimos diversas dicas de leitura, links de pesquisa, vídeos, podcasts e filmes. Essa seleção considera que o exercício de uma educação antirracista é crítico-reflexivo e oportuniza *inter(in)venções* no ciclo de alfabetização que contribuem para a produção de uma educação mais equânime.

Vale ressaltar que essas indicações não se esgotam em si mesmas e nem substituem os processos que orientam o trabalho didático-pedagógico já existente nos territórios. Esses devem sempre ser levados em consideração na hora de pensar possibilidades interventivas, bem como as relações sociais, históricas, políticas e sociais de cada contexto escolar, para que o trabalho aconteça de modo significativo e eficaz.

Esperamos contribuir com o refinamento do olhar de profissionais da educação, como você, para as atuações no ciclo de alfabetização e, assim, fortalecer as práticas pedagógicas para uma educação antirracista. Faça suas escolhas consultando essa lista de referências com a autoria de renomados pensadores e pesquisadores sobre a situação dos negros no país e na atualidade:

LIVROS

Cartas para a minha avó, Djamila Ribeiro, Companhia das Letras.

Em um relato pungente e sensível sobre ancestralidade, feminismo e antirracismo, a filósofa Djamila Ribeiro revisita a infância e adolescência para discutir temas como os desafios de criar filhos em uma sociedade racista. O relato se dá na forma de cartas a sua saudosa avó Antônia, conhecedora de ervas curativas e benzedeira requisitada.

Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade , Conceição Evaristo, Scripta.

O estudo da renomada escritora traz reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro. Considera a invenção, pelos brasileiros descendentes de africanos, de formas de resistência à violação e à interdição do negro, impostas pelo sistema escravocrata do passado e pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade.

O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional, Muniz Sodré, Editora Vozes.

A narrativa abre uma nova perspectiva dentro da luta antirracista. O foco do livro é o racismo brasileiro pós-abolicionista, que o autor faz coincidir com a emergência do fascismo europeu e com a vigência de uma “forma social escravista” nativa, em que status e branquitude tomam o lugar das antigas formas de segregação.

O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação, Nilma Lino Gomes, Vozes.

O trabalho da professora e educadora Nilma Gomes incentiva a repensar a escola, descolonizar os currículos e dar visibilidade às vivências e práticas dos sujeitos, levando ao necessário movimento de descolonização do conhecimento. O livro tem como tese principal o papel do Movimento Negro brasileiro como educador, produtor de saberes emancipatórios e sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil.

O pacto da branquitude, Cida Bento, Companhia das Letras.

Eleita em 2015 pela The Economist uma das cinquenta pessoas mais influentes do mundo no campo da diversidade, a autora denuncia e questiona a universalidade da branquitude e suas consequências nocivas para qualquer alteração substantiva na hierarquia das relações sociais.

O perigo de uma história única, Chimamanda Ngozi Adichie, Companhia das Letras.

Nosso conhecimento é construído pelas histórias que escutamos, e quanto maior for o número de narrativas diversas, mais completa será nossa compreensão sobre determinado assunto. Versão da primeira fala de Chimamanda no programa TED Talk, em 2009, o livro defende a ideia de diversificarmos as fontes do conhecimento e sermos cautelosos ao ouvir somente uma versão da história.

Racismo Estrutural, Silvio Almeida, Jandaíra.

Atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, professor, teórico e especialista renomado sobre as pautas raciais no país, o autor destaca a construção de um tipo específico de racismo, o estrutural, que sempre integra a organização econômica, e política da sociedade. Silvio demonstra que as diversas expressões de racismo no cotidiano se organizam em uma lógica de manifestações e moldam a vida dos sujeitos.

LIVRO INFANTIL

Letras de carvão, Irene Vasco e Juan Palomino, Pulo do Gato.

A protagonista, com o apoio do dono da mercearia, auxilia a irmã a compreender cartas, descobrindo o significado das letras e palavras. Contada pela mãe ao filho, a história é um relato sobre seu aprendizado na infância, ao ler e escrever.

MATERIAIS DE FORMAÇÃO

Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola - antirracismo em movimento , Ação Educativa (Org.).

A publicação oferece uma metodologia para uma experiência formativa coletiva: um conjunto de dimensões e perguntas que contribuem para que a comunidade escolar faça o diagnóstico dos desafios para a superação do racismo na escola e para a implementar a LDB alterada pela lei 10.639/2003, apresentando propostas para o Plano de Ação Escolar.

Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na Educação Infantil, Azoilda Loretto Trindade.

Neste artigo de sete páginas, a autora abre um diálogo com os educadores e destaca que, na perspectiva civilizatória, os brasileiros são, de certas formas, afrodescendentes. Em especial, somos o segundo país do mundo em população negra.

PODCASTS

Mano a mano

Mano Brown recebe Djamila Ribeiro

Filósofa, ativista social, professora e escritora, Djamila foi um dos nomes mais pedidos para ser recebida no Mano a Mano, sendo uma das intelectuais brasileiras mais importantes da atualidade. Para Brown, há a importância de popularizar o debate sobre filosofia, feminismo e humanidade, especialmente sobre a população negra e periférica, o que deu origem a esse encontro.

Projeto Querino

O conjunto de podcasts Projeto Querino lança um olhar afrocentrado sobre a História do Brasil, mostrando alguns dos principais momentos (Independência, 1822, Abolição, 1888) sob a ótica dos africanos e de seus descendentes. O nome do projeto é uma homenagem ao intelectual Manuel Raimundo Querino (1851-1923), jornalista, professor e abolicionista que, em 1918, publicou “O colono preto como fator da civilização brasileira”, obra que trata do protagonismo dos africanos e dos afrodescendentes na formação do Brasil.

JOGOS

Jogos lúdicos e educativos para trabalhar relações raciais e racismo

O link do site do Cenpec traz dois jogos de tabuleiro: o *Jogo da Lei 10.639* e o *24 por 7: desmontando o racismo cotidiano*.

Para saber mais

Referências bibliográficas para aprofundar seus estudos sobre questões históricas e antirracistas e trabalhar em sala de aula

Livros

-
- **A identidade racial em crianças pequenas**, Cida Bento, In: Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos e conceituais. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT).
 - **Como ser um educador antirracista**, Bárbara Carine, Planeta do Brasil.
 - **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**, Eliane Cavallero, Contexto.
 - **Educação Infantil e identidade étnico-racial**, Arleandra Cristina Talin do Amaral, Appris.
 - **Infâncias e relações étnico-raciais: a tensa luta pela garantia de direitos em tempos antidemocráticos**, Nilma Lino Gomes e Marlene Araújo (Org.) In: Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa, Vozes.
 - **O que é lugar de fala?**, Djamila Ribeiro, Letramento.
 - **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**, Eliane Cavalleiro, Selo Negro.
-

Créditos

ASSOCIAÇÃO BEM COMUM

Autores:

Alemilda Aragão

Ana Sicília Guimarães Figueiredo Correia

Antonio Marlon Coutinho Barros

Cílvia Queiroz

Elys Vanny Fernanda Rodrigues de Oliveira

Eunice Maria Holanda Siebra

Francisca Márcia Mendes

Francisca Valdizia Bezerra Ribeiro

Jammes Ferreira Mendes Vilar

Joseane da Silva Balica

Maria Vânia Félix de Moura

Maria Veridiana de Farias

Stefânia Sales da Silva

Tâmara Maria Bezerra Costa Coelho

Tarjjara Almeida Beserra da Silva

Thaís Florêncio

Vanessa Lima Martins

ASSOCIAÇÃO NOVA ESCOLA

Edição:

Maggi Krause

Revisão:

Ligia Evangelista

Arte e Diagramação:

Leandro Faustino

Foto de capa: © Lana Pinho / Nova Escola



NOVA | escola
formações

